

Autor: Adriana Vallone – Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud-Rosario

Título: Angústia e corpo

Dispositivo: Plenarios

Corpo destinado à ruína e à dissolução, com seus sinais de alarme dor e angústia é apresentado por Freud como uma das fontes do sofrimento, no *Mal-estar na cultura*.

Angústia de um corpo afetado pelo Desejo de Outro, marcado pelo significante que o talha e o mortifica cunhando um resto, objeto a, causa do desejo.

A clínica psicanalítica me orienta em um sofrer que se apresenta como motivo de uma primeira entrevista, ou que se repete no curso de uma análise. "Sentia que ia morrer, tinha falta de ar, suava, ficava tonta, tiveram que chamar o serviço de urgências", "não podia ficar em pé, pensei que fosse ficar louca", "o meu corpo todo tremia, sentia calafrios".

A insistência no que foi dito, nas singularidades de cada caso, me conduz a propor algumas pontuações sobre o ataque de pânico, novo nome do ataque de angústia, descrito por Freud como um dos componentes da neurose de angústia.

A neurose de angústia

Em 1894, S. Freud, ao extrair da neurastenia descrita por Beard a síndrome neurose de angústia, propõe que o quadro clínico da neurose de angústia compreende: a irritabilidade geral, a expectativa angustiada e o ataque de angústia, que é proposto como uma exteriorização da angústia que pode irromper na consciência, sem ser evocado pelo decurso das representações.

A hipótese que sustenta é que a neurose de angústia é efeito de uma acumulação de excitação, que não encontra derivação psíquica e é provocada pela ação específica omitida (o coito normal). O ataque de angústia seria um sub-rogado da ação específica omitida.

Até o final da sua obra, Freud mantém as distinções entre neuroses atuais (neurose de angústia, neurastenia e hipocondria) e psiconeurose, considerando as neuroses atuais como efeito de uma acumulação de excitação, carentes de tramitação psíquica, e não accessível ao tratamento psicanalítico.

O ataque de angústia descrito por Freud tem sido substituído por um novo nome, ataque de pânico, que é a tradução literal de panic attack. Seu nome atual, adotado pelo imaginário social, diz algo que excede o seu antigo nome?

Considerado como uma das patologias do final do século XX apela ao nome de um deus da mitologia grega: Pan. Em que insiste aí?

Desvelamento do desamparo

Estabelecer um contraponto entre os ataques histéricos e os ataques de angústia, me conduz a propor que assim como nos ataques histéricos o corpo põe no palco seu cifrado inconsciente, nos ataques de angústia se desvela o desamparo radical. Momento de comoção do corpo, que revela um tempo constitutivo da articulação entre o sujeito e o objeto.

Lacan nomeia ponto de pânico, ao preciso momento em que o sujeito deve encarar sua existência no sentido mais radical, apagar-se, desaparecer atrás de um significante, aí ao redor de onde deve enganchar-se ao objeto de desejo (afânise).

Freud nos indica que o termo pânico era usado de forma pouco precisa, propondo chamá-lo angústia de massas, que é a meu ver sua leitura do fenômeno do pânico como a desagregação da massa perante a perda do líder. O estalo do pânico denota como regra, que ao desaparecer a união dos membros da massa com seu condutor, desaparecem as uniões entre eles. "Quando os indivíduos dominados pela angústia pânica se cuidam deles mesmos, atestam compreender que cessaram as ligações afetivas que até então lhes reduziam o perigo". Qual é o perigo? Separação, exclusão da horda, reza a fórmula freudiana em *Inibição, sintoma e angústia*. No esquema da massa, se articulam o Ideal do eu, o eu e o objeto. Lacan indica que esse objeto é o a.

Objeto a e angústia

Pura Cancina propõe situar o ataque de pânico em relação com o que Lacan descreve como turvação. Valho-me desta proposta para estabelecer algumas articulações entre o objeto a e a angústia.

Lacan situa no quadro matricial apresentado no Seminário X *A angústia*, a heterogeneidade da tríade freudiana, inibição, sintoma e angústia, no marco das coordenadas de dificuldades e movimento, enunciando distintas variedades de afetos. Na terceira fila ficará turvação, acting out e angústia.

Em sua reformulação do quadro matricial, no lugar da turvação, localiza o a.

A turvação é a queda da potência, é transtornar-se em quanto tal na dimensão do movimento, trata-se de algo que põe para fora, fora de mim, ou fora de si.

Lacan diz: “a turvação está coordenada com o momento da aparição do a, momento do desvelamento traumático em que a angústia se revela tal qual é, o que não engana, momento em que o campo do Outro racha-se e abre-se até o fundo. O que é este a? Qual é sua função com respeito ao sujeito?”.

A função de objeto cessível como pedaço separável transporta primitivamente algo da identidade do corpo, antecedendo ao corpo mesmo no que respeita a constituição do sujeito.

Se a angústia é sinal ante o perigo, perigo que está ligado ao caráter de cessão do objeto a, o momento onde se põe em jogo a angústia é anterior à cessão do objeto a.

Se a angústia é sem causa, não o é sem objeto. A causa da angústia, a turvação não pode retê-la.

Trata-se na turvação, da a-parição? Comoção do corpo, que se fragmenta em feixes libidinais, hiância a estabelecer entre o gozo e o desejo. Se o orgasmo tem a mesma função que a angústia, em quanto está no meio entre o gozo e o desejo, no ataque de angústia o sujeito é presa do pânico de ser um objeto mais, para sempre cessível. Resto da queda do Outro, no momento do pânico, não tem de onde se segurar, a cena do mundo estoura e os a se dispersam produzindo uma verdadeira implosão do sujeito. Estrondo do fantasma. E não é de algum desses a, que se segura para voltar a armar a cena?

A voz e o olhar oferecem asilo a este momento de pânico, voltando a traçar as coordenadas do desejo.

Vou tomar fragmentos de duas sessões consecutivas de uma análise:

No começo da sessão, ela relata que de manhã, quando saiu de casa, chegou na esquina, e de repente sentiu-se mal, seu corpo suava, tinha palpitações, não podia manter-se em pé. Ligou para o marido pelo celular e pediu que lhe falasse. Ele disse que ela voltasse para casa, e ela respondeu que não, que ele somente falasse, que ela ia continuar caminhando até que pudesse acalmar-se.

Ela se perguntou porque isso voltou a acontecer, fazia muito tempo que não acontecia, pensou que aquilo já estava superado. Tinha saído bem de casa, apesar de que foi uma semana em que tinha estado angustiada por causa dos fracassos escolares dos filhos.

Pergunto-lhe se lembra de algo que tivesse pensado antes de sair de casa. Responde que se escutavam golpes no apartamento de cima, que estavam consertando, e se lembra que tirou um quadro que estava pendurado na parede para que não caísse.

Peço-lhe que descreva o quadro.

Ela diz:

_ É um quadro que tem uma imagem de uma mulher lânguida e triste, com um chapeuzinho que parece do tempo da Dolce Vita.

Essa imagem que ela fez enquadrar, tirou-a de uma caixa de “alfajores” (doce seco, casadinhos) espanhóis que trouxeram para seu marido de presente.

Digo:

_ Você escutou golpes antes de sair.

Ela diz:

_ Não me diga que a descia para que não batessem nela! Eu seguro a mulher golpeada? Estou protegendo para que não a maltratem? Sempre fiz o que os meus pais queriam, depois o que queria o meu marido, e logo depois o que queriam os meus filhos.

Na sessão seguinte, disse que quando saiu da sessão anterior, pensou que eu estava brincando com ela e ao chegar em casa foi levantar o quadro e viu que não era uma mulher lânguida e triste a do quadro, era uma mulher que estava em uma atitude altiva calçando as luvas.

Calçando as luvas, saliento. Ela ri e diz:

_ É, pronta para enfrentar a luta.

Antes de sair e depois de sair se entrecruzam e se alternam entre a cena do mundo e a cena da análise. Entre dois quadros que se velam um ao outro, desvela-se seu lugar a advir. Entre a mulher lânguida e triste da “Dolce Vita” e a mulher altiva que está calçando as luvas. Que olhar guarda o quadro?

Ela se ampara na voz do marido para seguir caminhando. O que bordeia esse objeto voz que lhe dá corpo a seu corpo? Que cena sustenta onde é possível caminhar?

A voz vem do Outro e a sentimos no nosso interior, cava o interior fazendo-o exterior, desse modo o faz existir.

No momento do pânico não há de onde se segurar, apaga-se o exterior e o interior, a cena do mundo estoura e o corpo perde sua consistência. Solidão radical que deixa inerme.

Frente a minha pergunta elaarma seu quadro, mulher lânguida da Dolce Vita, feita de lâmina de “alfajor”, presente para seu marido. Fantasma feito de lâminas de “alfajor”, que guarda uma lâmina (gravura) a seu gosto.

Bibliografia

Cancina, Pura - *Ataque de pánico. Angustia neurótica*. Colección Efectos de la enseñanza de Freud y Lacan en la clínica. Rosario. Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud.

Freud, Sigmund (1895) *Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de “neurosis de angustia”*, OC, Volumen III, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1994.

- (1909) *Apreciaciones generales sobre el ataque histérico*, OC, Volumen IX, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 2003.

- (1921) *Psicología de las masas y análisis del yo*, OC, Volumen XVIII, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1984

- (1926) *Inhibición, síntoma y angustia*, Obras Completas, Volumen XX, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988

Lacan, Jacques - *Libro 10, La Angustia*, Buenos Aires, Editorial Paidós, 2006.